

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Maria Luiza Souza Ribas

**LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS: APROXIMAÇÕES INICIAIS**

Florianópolis

2019

Maria Luiza Souza Ribas

**LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS: APROXIMAÇÕES INICIAIS**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em  
Pedagogia do Centro de Ciências da Educação da  
Universidade Federal de Santa Catarina como  
requisito para a obtenção do Título de Licenciado  
em Pedagogia  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosalba Maria Cardoso  
Garcia

Florianópolis

2019



Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Ribas, Maria Luiza Souza  
LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS: APROXIMAÇÕES INICIAIS /  
Maria Luiza Souza Ribas ; orientador, Rosalba Maria  
Cardoso Garcia, 2019.  
64 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências  
da Educação, Graduação em Pedagogia, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Pedagogia. 2. Literatura infantil. 3. Literatura  
infantil em Língua Brasileira de Sinais. 4. I. Garcia,  
Rosalba Maria Cardoso . II. Universidade Federal de Santa  
Catarina. Graduação em Pedagogia. III. Título.

Maria Luiza Souza Ribas

**LITERATUR AINFANTIL EM LIBRAS: APROXIMAÇÕES INICIAIS**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Licenciado em Pedagogia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina

Local, 26 de junho de 2019.

---

Prof.<sup>a</sup>, Dr.<sup>a</sup>. Jocemara Triches

Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup>, Dra. Rosalba Maria Cardoso Garcia

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup>, Dra. Maria Sylvia Cardoso Carneiro

Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Venicios Cassiano Linden  
Universidade Federal de Santa Catarina



*Dedico este trabalho a Deus, por ser meu guia e meu socorro em todos os momentos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço em primeiro lugar a minha orientadora Rosalba, por me ajudar na busca e compreensão do trabalho como um todo, por me mostrar o caminho correto para a construção deste e por todo incentivo e credibilidade da minha capacidade.

À minha família que, com todo apoio e amor do mundo, não mediram esforços para que eu chegasse até aqui.

Ao meu amor, que foi fonte de paciência e acalento nos momentos difíceis.

Às minhas amigas do curso de Pedagogia, que desde sempre, compartilharam pequenas experiências que influenciaram na minha formação.

E por fim, a todos os seres de luz que me mantiveram firme durante toda essa caminhada.

“Se é falando que se aprende a falar, podemos dizer que é sinalizando que se aprende a sinalizar.” (SCHLEMPER, 2017)

## RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar questões norteadoras em relação à literatura infantil em Língua Brasileira de Sinais e à Literatura Surda. Inicialmente expomos um breve relato sobre a historicidade referente à educação dos surdos na Europa e no Brasil, seguida por uma discussão sobre a importância da literatura para o desenvolvimento humano com base em uma perspectiva histórico-cultural, e a diferenciação dos conceitos de literatura infantil em libras e literatura surda. Além disso, apresentamos os tipos de obras dentro da Literatura Surda e Literatura em LIBRAS, e analisamos em especial as obras “O patinho surdo”, “O feijãozinho surdo” e “As aventuras de Pinóquio em Língua de Sinais Brasileira”. A metodologia para realização desse estudo final de curso é de cunho qualitativo e exploratório, contando como procedimentos um levantamento bibliográfico e análise de volumes representativos da literatura infantil em libras e literatura surda.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Literatura Infantil em LIBRAS. Literatura Infantil Surda.

## **ABSTRACT**

The present work aims to present guiding questions regarding children's literature in Brazilian Sign Language and Deaf Literature. We first present a brief account of the historicity of deaf education in Europe and Brazil, followed by a discussion of the importance of literature for human development based on a historical-cultural perspective, and the differentiation of the concepts of children's literature in hearing and deaf literature. In addition, we present the types of works within the Literature Deaf and Literature in LIBRAS, and we analyze in particular the works "The dumb duck", "The dumb beans" and "The adventures of Pinocchio in Brazilian Sign Language". The methodology for the accomplishment of this final course study is qualitative and exploratory, counting as procedures a bibliographic survey and analysis of representative volumes of children's literature in hearing and deaf literature.

**Keywords:** Children's Literature. Children's literature in Brazilian Sign Language. Deaf Literature.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Criações .....	38
Figura 2- Adaptações.....	39
Figura 3- Traduções.....	40
Figura 4- Capa do livro "O feijãozinho surdo" .....	44
Figura 5- Página do livro.....	45
Figura 6- Página do livro.....	46
Figura 7- Atividade de ligar os pontos .....	47
Figura 8- Atividade de quebra-cabeça.....	47
Figura 9- Capa do livro "O patinho surdo" .....	48
Figura 10- Sinalização de patinho surdo .....	49
Figura 11- Capa livro/CD "As aventuras de Pinóquio em Língua de Sinais Brasileira .....	50
Figura 12- Parte do livro .....	51
Figura 13- Explicação do sinal.....	52
Figura 14- Explicação do sinal.....	52
Figura 15- Explicação do sinal.....	53

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Produção Bibliográfica Consultada .....	19
Quadro 2- Literatura Infantil em LIBRAS/Surda.....	44

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS- Língua Brasileira de Sinais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

MEC – Ministério da Educação

CENESP – Centro Nacional de Educação Especial

CONAE – Conferência Nacional de Educação

SW – *SignWriting*

PDF – *Portable Document Format*

SBB – Sociedade Bíblica do Brasil

ULBRA – Universidade Luterana do Brasil

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	15
2	BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS.....	21
3	A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO .....	28
4	A LITERATUR INFANTIL EM LIBRAS E A LITERATURA SURDA .....	31
5	ANÁLISE DAS OBRAS DE LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS E/OU LITERATURA SURDA.....	36
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
	REFERÊNCIAS .....	58
	ANEXOS .....	63

## **1INTRODUÇÃO**

Iniciarei o presente texto contando um fato de minha infância, em torno de 2010, quando uma menina surda foi residir em meu condomínio. Ela tinha um detalhe um tanto desconhecido entre as crianças com quem convivia até então: comunicava-se por meio da língua de sinais. Inicialmente tive muita dificuldade em me comunicar com ela e isso despertou curiosidade de conhecer melhor essa língua que, em minha percepção, naquele momento, não era como a língua portuguesa ou qualquer outra. Contudo, a língua de sinais está definida por Pereira (s.d) como língua natural da comunidade surda, considerada por Silva (2016) como modalidade gestual-visual. Já a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é compreendida, ainda por Pereira, como língua materna dos surdos brasileiros, podendo ser aprendida por quem interessar, e está regulamentada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que define a mesma como meio legal de comunicação e expressão.

Ao ingressar no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2015, essa questão volta à cena. Ao ter conhecimento do currículo do curso, identifiquei que me depararia com uma disciplina de Língua Brasileira de Sinais em minha formação. Posteriormente, durante uma aula da disciplina da área de Educação Especial, a professora comentou sobre um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que tratava da escassez dos livros literários em LIBRAS. Foi então que despertou em mim um provável tema de pesquisa, e com isso iniciei minhas investigações partindo de um tema geral que diz respeito à discussão de questões norteadoras acerca da Literatura Infantil em LIBRAS.

O objetivo central da pesquisa é explorar os pontos principais tematizados em torno da Literatura Infantil em LIBRAS e a Literatura Surda. Como objetivos específicos, buscamos conceituar as referidas categorias, caracterizar e dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos sobre o tema.

Buscando conhecer um pouco mais sobre o tema, por meio de levantamentos bibliográficos, percorremos alguns caminhos para desenvolver o objeto de pesquisa,

primeiramente, usando o descritor “Literatura Infantil em LIBRAS” no Google Acadêmico, mediante o qual foram encontrados trinta e quatro (34) resultados. Porém, ao selecionar artigos acadêmicos, restaram apenas cinco (5). Em seguida, no site scielo.org com o mesmo descritor foram encontrados dois (2) trabalhos sujeitos à análise. Logo após, usando o segundo descritor, “Literatura Surda”, no mesmo conjunto de páginas da internet, foram encontrados mais três (3) artigos. E por fim, no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foram localizadas duas (2) dissertações. Ao longo desse processo foi possível averiguar pouco acúmulo de discussões sobre a temática, com base no número de trabalhos publicados sobre o assunto, e que este é um tema novo, o que pode ser constatado pela análise dos anos de publicações dos textos encontrados cujo período está demarcado entre 2012 e 2018. Associado ao período recente de interesse investigado sobre o tema registramos um número restrito de trabalhos disponíveis que, em nosso levantamento somaram doze (12) textos, apresentados no Quadro 1- Produção Bibliográfica Consultada. Como forma de ampliar a perspectiva sobre o tema, fizemos uma busca no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq no qual não foram localizados grupos a partir dos descritores “Literatura Infantil em LIBRAS” e “Literatura Surda”.

TÍTULO	AUTOR	ANO	NATUREZA	INSTITUIÇÃO/PERIÓDICO
INTERCORRÊNCIAS NA CULTURA E NA IDENTIDADE SURDA COM O USO DA LITERATURA INFANTIL	Jaqueline Boldo	2015	Dissertação de Mestrado	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
TRADUÇÕES INFANTIS PARA LIBRAS: O CONTO COMO MEDIADOR DE AQUISIÇÃO SINALAR	Michelle Duarte da Silva Schlemper	2015	Dissertação de Mestrado	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL	Neiva de Aquino Albres	2014	Artigo	Revista Brasileira de Linguística Aplicada

PARA LÍNGUA DE SINAIS: DIALOGIA E POLIFONIA EM QUESTÃO				
LITERATURA SURDA E ENSINO FUNDAMENTAL: RESGATES CULTURAIS A PARTIR DE UM MODELO TRADUTÓRIO COM ESPECIFICIDADES VISUAIS	Vanessa Regina de Oliveira Martins Guilherme Silva de Oliveira	2015	Artigo	Educação & Sociedade
APRENDENDO A LER “COM OUTROS OLHOS”: RELATOS DE OFICINAS DE LETRAMENTO VISUAL COM PROFESSORES SURDOS	Tatiana Bolívar Lebedeff	2010	Artigo	Cadernos de Educação
MATERIAL DIDÁTICO PARA ALUNOS SURDOS: A LITERATURA	Sabrina Pereira Soares Basso	2012	Artigo	Revista Eletrônica de Educação

INFANTIL EM LIBRAS	Vera Lúcia Messias Fialho Capellini			
LITERATURA INFANTIL EM LÍNGUA DE SINAIS E A EDUCAÇÃO LITERÁRIA DO LEITOR SURDO	Arlene Batista da Silva	2016	Artigo	Revista Diadorim
A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	Michelle Duarte da Silva Schlemper	2017	Artigo	Revista virtual de cultura surda
ERA UMA VEZ... HISTÓRIAS SURDAS: (RE)DEFININDO CONCEITOS DE LITERATURA INFANTIL	José Marcos Rosendo de Souza Maria Lúcia Pessoa Sampaio	S.D	Artigo	Sem nome
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA SURDA CONSIDERATIONS FOR DEAF LITERATURE	Águida Aparecida Gava	2015	Artigo	Revista Acta Semiotica Et Linguistica

A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL PARA LÍNGUA DE SINAIS: DIÁLOGOS ENTRE AS ILUSTRAÇÕES E O CORPO SINALIZANTE	Arlene Batista da Silva	2016	Artigo	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
LITERATURA SURDA: UMA QUESTÃO DE CULTURA E IDENTIDADE	Jaqueline Boldo Michelle Duarte da Silva Schlemper	2018	Artigo	Revista Transversal

Quadro 1- Produção Bibliográfica Consultada

Fonte: Google Acadêmico, Scielo.org e Banco de Teses e Dissertações CAPES  
Elaborado pela autora

Partimos do princípio de que a temática escolhida era pouco conhecida, não tendo sido propriamente tematizada ao longo do curso de Pedagogia e acrescido à constatação do número reduzido de trabalhos localizados, compreendemos que nosso estudo assume um caráter exploratório. Segundo Gil (2008) uma pesquisa exploratória tem um caráter mais flexível em relação às outras, seu objetivo é aproximar o leitor a um tema amplo e pouco explorado. O autor afirma que ela tem como principal finalidade “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.” (GIL, 2008, p. 27).

Afirmamos, portanto, que esse estudo foi desenvolvido como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica que segundo Gil (2008) parte, sobretudo de livros e artigos científicos, e tem uma vantagem em “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.” (GIL, 2008, p. 50).

Para adentrar nesses estudos inicialmente ressaltaremos alguns marcos históricos da educação de surdos. Em seguida, discutiremos a importância da literatura no desenvolvimento humano, para então, desenvolver o tema através de conceitos sobre a Literatura Infantil em LIBRAS e Literatura Surda, bem como, momentos históricos, lutas e vitórias da comunidade surda. Por fim, dar visibilidade aos materiais representativos da Literatura Infantil disponíveis para os surdos em LIBRAS.

## 2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), no ano de 2018, 27.183.970 crianças foram matriculadas no Ensino Fundamental no Brasil. Centrando no objeto da pesquisa, entre o número de matrículas de 2018, 9,8% estão destinadas à Educação Especial e dentre esses, 20.893 (2%) são alunos surdos. Com relação a essas crianças e sua escolaridade, temos como subsídio para iniciar uma discussão o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005<sup>1</sup> que no capítulo VI diz sobre a garantia do direito à educação de pessoas surdas ou com deficiência auditiva. Esses dados expressam na atualidade um número considerável de matrículas de crianças surdas nas escolas do Ensino Fundamental no Brasil. Diante disso, procuraremos discutir a história da educação dos surdos mediante alguns marcos.

Soares (1999) servirá de base para o entendimento dessa realidade escolar. Inicialmente na Europa no século XVI com Cardano e no Brasil no século XIX com Menezes e Tobias Leite que foram influentes na causa da educação dos surdos.

Destaco a década de 1950 quando o atual<sup>2</sup> Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES)<sup>3</sup> instala o método oralista em suas perspectivas em relação à educação dos surdos. Esse fato se explica devido à origem da língua de sinais ter forte influência na

---

<sup>1</sup> O Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

<sup>2</sup> Quando me refiro a atual, quero dizer que hoje a instituição carrega esse nome, mas em 26 de setembro de 1857, data de sua criação, foi chamada de “Instituto Imperial de Surdos-Mudos”, e mais tarde passaria a se chamar “Instituto Nacional de Educação de Surdos”.

<sup>3</sup> Em síntese, o INES é reconhecido como centro de referência nacional na área da surdez, exercendo os papéis de subsidiar a formulação de políticas e de apoiar a sua implementação pelas esferas subnacionais de Governo. Atende em média de 600 alunos, da Educação Infantil até o Ensino Médio ofertando a arte e o esporte para completar seu atendimento diferenciado. O Instituto também apóia o ensino e a pesquisa de novas metodologias para serem aplicadas e ainda atende a comunidade e os alunos nas áreas de fonoaudiologia, psicologia e assistência social, colaborando com a formação dos surdos para o mercado de trabalho através de cursos profissionalizantes e estágios remunerados.

nacionalidade de Ernest Huet que trouxe a língua de sinais francesa para o Brasil com uma filosofia oralista. Através desse método pretendia-se capacitar o surdo (mesmo não possuindo a audição para receber os sons da fala) por meio da fala ou da leitura labial. Mori e Sander (2015) afirmam que o objetivo era centrado na ideia de tornar o surdo ouvinte para que interagisse com o mundo, e aqueles que utilizavam a língua de sinais eram apenas para ideias abstratas, ou seja, acreditava-se que a língua era universal por ser mera mímica das coisas.

O oralismo teria produzido um trabalho docente de natureza “clínica”. Soares (1999), ao analisar a proposta curricular do MEC/CENESP (1979), verificou essa influência no trabalho do professor, o qual estava destinado a uma atuação clínica na qual atuava como terapeuta da fala. O “método clínico” se confundia quando apostava somente nas atividades de “[...] preparação para aquisição da fala como atividade pedagógica preponderante, e com isso, descaracterizavam o trabalho educativo na instituição.” (SOARES, 1999, p. 7). Ainda nessa época, existiam os médicos que se desviavam desse viés para se dedicar a uma prática pedagógica, pois acreditavam que os surdos podiam adquirir algum tipo de conhecimento seja pela linguagem oral ou escrita, todavia, ainda assim, era possível ver o oralismo fortemente presente. A autora apresenta Girolomo Cardano (1501-1576) como um dos primeiros educadores de surdos que, na Itália, a partir de estudos relacionados à condução óssea do som, afirmou que a mudez não constituía impedimento para que os surdos adquirissem conhecimento. A autora vai avançando seus estudos e mostrando que as investigações em relação aos surdos podem ser explicadas por meio dos movimentos em relação à medicina, pois conforme ela se modificava, os assuntos relacionados a essas pessoas também se alteravam.

Segundo Soares (1999), Cardano buscou avaliar o grau da capacidade de aprendizagem entre os surdos, e para isso classificou em quatro tipos: “aqueles que haviam nascido surdos, os que adquiriram a surdez antes de aprender a falar, os que adquiriram depois de aprender a falar e, finalmente, os que adquiriram depois de aprender a falar e a escrever.” (SOARES, 1999, p. 17). O autor chegou à conclusão de que “a surdez, por si mesma, não modificava a inteligência da criança e que, portanto, a educação deste tipo de pacientes deveria ser realizada pelo ensino da leitura e da escrita.” (SOARES, 1999, p. 17). Fica entendido então que, os médicos, baseados no desenvolvimento da ciência, em especial da anatomia, passaram a se dedicar ao estudo da fala dos surdos, bem como das suas possibilidades de aprendizagem dentro de uma perspectiva oral e escrita, ou seja, a escrita era

usada como um recurso que podia ser utilizado em substituição à fala, para facilitar sua participação social.

Até aqui é possível perceber que por mais que a surdez não fosse impedimento para aquisição do conhecimento, acreditava-se que era possível aprender por meio da escrita posto que ela pudesse representar os sons da fala ou as ideias do pensamento.

Soares (1999) destaca que, no século XIX, Menezes Vieira e Tobias Leite (médicos que atuaram na educação de surdos no Brasil) entraram nessa trajetória deixando claro em seus pareceres sobre as expectativas que tinham em relação aos “surdos-mudos”.

Para o primeiro, fala e compreender a fala dos outros era mais necessário que aprender a escrever numa sociedade de analfabetos, pois, dessa maneira, teriam um instrumento mais eficaz para se relacionarem: a fala seria “o único meio de restituir o surdo-mudo à sociedade”. Para o dr. Tobias Leite, a ênfase deveria ser dada no ensino profissional “não tanto porque os surdos aprendem facilmente, mas porque são fidelíssimos executores das instruções e ordens do patrão.” (SOARES, 1999, p. 56)

Ainda naquele século “passa-se a enfatizar a fala como pré-requisito para o ensino” (SOARES, 1999, p. 40) e a história dos surdos continua a caminhar até chegar a um ponto que

Parece que a proposta da educação de surdos era uma *outra* coisa, não porque caminhava desvinculada da educação comum, mas porque a sua construção teve como referência a educação dos normais. O que mais significava que não poderia ser igual, uma vez que a população não era igual aos normais, não tinha os requisitos necessários exigidos para obtenção do saber.” (SOARES, 1999, p. 54)

A história dos surdos passa por uma mudança de métodos e o bilinguismo com a língua de sinais se instaura nessa jornada, abrindo novas possibilidades.

No conjunto de lutas políticas, o argumento dos surdos em defesa de escolas bilíngues referia-se ao desejo de um ambiente linguisticamente favorável à aprendizagem da sua língua materna, e isso não era possível com surdos inseridos em escolas comuns, apenas

com um intérprete em sala, ou uma classe a parte, onde a língua portuguesa na forma oral é a principal língua de instrução.

O ano de 2011 foi um marco histórico na vida dos sujeitos surdos no Brasil. Campello e Rezende (2014) relatam fatos importantes ocorridos nesse momento da história. Segundo as autoras, na Conferência Nacional de Educação (CONAE 2010) as propostas defendidas pelos surdos eram referentes à manutenção e criação de escolas bilíngues, no entanto, a Diretora de Políticas de Educação Especial Martinha Clarete alegava sobre a extinção dessas escolas. O Colégio de Aplicação do INES foi o “primeiro alvo” das ameaças da Diretora, e com o fechamento da instituição, os alunos seriam transferidos para escolas comuns, mas, o Ministério da Educação (MEC) nega o fechamento das escolas. Ainda que a notícia fosse tranquilizante, as mobilizações “Em defesa da Educação de Surdos do INES” continuavam com uma passeata em defesa ao respeito as língua de sinais e melhores condições de educação. Apesar de conseguirem mobilizar muitos parlamentares em favor das causas dos surdos, ainda queriam a chance de expor suas ideias de valorização à sua educação. No dia 24 de abril de 2012 conquistaram essa chance e saíram da Câmara de Deputados com a promessa de que analisariam a proposta a eles apresentadas. “Foi assim que lutamos no passado e é assim que continuamos lutando, por uma qualidade que condiga com uma política linguística, com uma educação bilíngue.” (CAMPELLO, REZENDE, 2014, p. 89).

É inegável que as histórias de surdos mostram a existência de dificuldades de escolarização e inserção social, mas estas devem ser compreendidas, em grande parte, como decorrência de condições sociais inadequadas, que, por assim dizer, realizem a profecia. (GÓES, 1999, p.47)

Segundo a autora todos esses processos de lutas e conquistas dos surdos abrangem em sua trajetória uma experiência social em que a surdez é vista como um conjunto de características negativas estereotipadas, em que o surdo desde muito tempo, era visto como um ser incapaz sujeito à cura médica, tanto que, por muito tempo os termos “audismo” e “ouvintismo” eram usados para negar as especificidades dos surdos, tentando de uma maneira forçada “transformar” esses sujeitos em ouvintes, mas, que aos poucos ganha uma visibilidade tendo suas diferenças respeitadas. Mas, ainda que, Lacerda, Albres e Drago (2013) exponham a relevância de escolas regulares em que crianças surdas estão inseridas junto às ouvintes, levem em consideração ações coerentes com uma educação bilíngue e a importância da aquisição da língua de sinais no suporte à educação de crianças surdas, “[...] isso não é

observado em várias experiências escolares em cujas salas de aula atuam profissionais com domínio parcial de Libras.” (LEBEDEFF, 2010, QUADROS, 2006, apud, LACERDA; ALBRES; DRAGO, 2013, p. 67).

Foi com o movimento político dos surdos e com as lutas da comunidade surda<sup>4</sup> que a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 foi regulamentada no Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, afirmando a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de expressão e comunicação, fazendo renascer no Brasil o uso dos sinais.. A partir dessa conquista, o surdo inserido no ensino regular deverá receber o mesmo cunho de informações dos demais por meio da LIBRAS, uma maneira também de mostrar novas culturas para as crianças ouvintes. “O mesmo decreto também dispõe sobre a formação do professor bilíngue e do instrutor surdo de Libras; a formação do tradutor intérprete de Libras/língua portuguesa; e o direito dos surdos de ter acesso às informações em Libras e à educação bilíngue.” (LACERDA; ALBRES; DRAGO, 2013, p. 67). Com relação a essas determinações Albres (2014) nos mostra a importância do papel desses professores - que lidam com a língua e exercem a função de transmitir as palavras de um para outro, na construção do conhecimento das crianças surdas.

Mais recentemente com a LIBRAS, observa-se que os surdos são percebidos em sua heterogeneidade, e que dentro de uma perspectiva histórico cultural a construção da relação pensamento-linguagem se dá dentro de uma cultura em que mesmo todos tendo uma característica em comum, ainda assim são sujeitos sociais e suas individualidades precisam ser levadas em consideração dadas “[...] as influências sociais, educacionais, culturais e históricas.” (TORRES; MAZZONI; MELLO, 2007, p. 376). Assim, para que haja uma

---

<sup>4</sup> “Para Strobel (2008) a comunidade surda engloba tanto surdos quanto ouvintes, ou seja, são aqueles que convivem com os sujeitos surdos, que usam a língua de sinais e lutam pelos direitos linguísticos dos surdos. Aqueles também que se identificam com uma cultura surda que tem o objetivo de transpassar seus costumes, crenças, valores e outros, por meio de histórias sinalizadas que demonstram batalhas e enfrentamentos.”

significativa interação entre os seres humanos é preciso que haja comunicação, e essa precisa ser acessível a todos.

Contemporaneamente, nos documentos legais que abrangem o tema acessibilidade, a surdez passa a ser tratada com maior ênfase em suas características culturais. Inicialmente o Decreto nº 5.296/04 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade, mas o fato é que essas aprovações

[...] estabelecem as condições *necessárias* e *suficientes* para se lograr a acessibilidade, tendo, por isso, conduzido as situações que, se não injustificáveis, certamente geram injustiça ao concederem atendimento diferenciado a uns alunos com um determinado tipo de deficiência sensorial, e não o concederem a outros alunos, mesmo quando a deficiência é a mesma [...] (TORRES, MAZZONI, MELLO, 2007, p. 381).

As consequências desses fatores são o que estamos discutindo em pauta, um atendimento “padrão” dentro de uma especificidade. Ferrari em diretas palavras resume nosso pensamento em questão:

Não faz sentido considerar que duas pessoas surdas e com distintas trajetórias de vida tenham as mesmas valorizações culturais e linguísticas devido somente à condição da surdez. Ainda mais quando se refere a uma realidade repleta de desigualdades (econômicas, culturais, educacionais, etc) [...] (FERRARI, 2017, p. 16-17)

Ou seja, as condições sociais, mais que as condições da surdez se mostram favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento humano.

Com o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que em seu artigo 2º considera que os surdos interagem e compreendem o mundo por meio de experiências visuais e manifestam sua cultura através da LIBRAS, é chegado um momento na história desses sujeitos no qual a LIBRAS se sobressai devido a todos os pensamentos e lutas dos movimentos dos surdos organizados em prol desse modelo.

Revisando a história da educação dos surdos observamos que o objetivo em relação à educação, por mais que houvesse um viés educativo, tinha como foco principal as interações sociais e o mercado de trabalho. E por fim, fica evidente que, correspondente ao tema de pesquisa, durante o tempo em que a língua de sinais fora proibida ou não utilizada por fatores

políticos e de concepção de cada época, a literatura nesse contexto também se fazia “inexistente”. A luta dos surdos por educação e por uma língua tem relação com a proposição de uma Literatura em LIBRAS, a qual ganha importância na promoção do desenvolvimento humano.

### 3 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Partimos do pressuposto segundo qual a literatura é parte da cultura humana assumindo uma compreensão com base na Abordagem Histórico-Cultural, vincula-se a processos de desenvolvimento impulsionados mediante as interações sociais.

Vygotsky enfatiza o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Sua questão central é a aquisição de conhecimentos pela interação do sujeito com o meio. Para o teórico, o sujeito é interativo, pois, adquire conhecimentos a partir das relações intra e interpessoais e de troca com o meio, a partir de um processo denominado mediação. (RABELLO; PASSOS (s.d) p. 3)

Também compreendemos que a ampliação das interações sociais pode favorecer que nos tornemos mais compreensivos em relação às diferenças humanas, possibilitando compreender as diferentes realidades sociais, em que “a transmissão racional, intencional de experiências e de pensamentos a outrem exige um sistema mediador, que tem propósito a linguagem humana nascida da necessidade do intercâmbio durante o trabalho.” (VYGOTSKY, 2001, p. 11). Ferreira e Costas (2011) destacam o esforço de Vygotsky na tentativa de demonstrar que, o que nos diferencia como humanos são os nossos atravessamentos culturais, e para nosso desenvolvimento humano é necessário levar em consideração os aspectos biológicos que se transformam em aspectos culturais

O aspecto cultural da teoria de Vygotsky envolve os meios socialmente estruturados pelos quais a sociedade organiza os tipos de tarefas que a criança em crescimento enfrenta, e os tipos de instrumentos, tanto mentais como físicos, de que a criança pequena dispõe para dominar aquelas tarefas. (LURIA, 1988, p. 26 apud FERREIRA; COSTAS, 2011, p. 209)

Essas afirmações de que os processos de interação e desenvolvimento dependem também de uma esfera orgânica, nos leva a perceber o sentido da criação de uma literatura própria de uma cultura, pois dentro dessa cultura serão apresentados elementos necessários para mediação social, elementos familiares ao mundo do sujeito. Pode-se dizer que, fatores biológicos que nascem conosco ou que adquirimos ao longo da vida, à medida que estamos alocados em uma cultura, terão influência sobre as coisas pelas quais nos relacionamos, a

maneira como nos relacionamos e à forma como será visto o mundo a partir de então. Na medida em que esses cenários se apresentam tanto no âmbito social, bem como, no meio escolar, os processos de maturação orgânica desenvolvem os processos mentais/psicológico. Isto é, tanto o fator social quanto o biológico são de suma importância nos processos de desenvolvimento humano. Não basta ter totalmente uma interação ou mediação sem o aparato orgânico, assim como não basta ter todos os instrumentos orgânicos e não receber nenhuma influência social. Este é o fato pelo qual Candido (2004) sustenta em seus estudos que a literatura é um tipo de manifestação universal entre os seres humanos e que dentro de cada cultura humana ela desenvolve aspectos similares dessa cultura, é por isso que cada sociedade “[...] cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles.” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Pensando então na literatura como fator intrínseco ao desenvolvimento de qualquer ser humano, Zilberman (2008) afirma que, a literatura como ferramenta, contribui com a formação do leitor através de uma experiência única com o texto. A autora salienta que, essa proposta

[...] provoca no leitor um efeito duplo: aciona suas fantasias, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior; mas suscita um posicionamento intelectual, uma vez que o mundo representado no texto, mesmo afastado no tempo ou diferenciado enquanto invenção, produz uma modalidade de reconhecimento em quem lê. (ZILBERMAN, 2008, p. 19)

Os livros podem ter ou não um caráter moral, coerente e compreensível, levando o leitor a uma mensagem específica, mas ele também tem um caráter imaginativo que dispõe ao leitor uma interpretação pessoal, ou seja, dentro da narrativa o leitor se percebe e faz reflexões sobre sua existência, ou não. Mas, acima de tudo, ainda nas ideias de Zilberman (2008, p. 17)

esses textos no ângulo social tendem a “[...] socializar a experiência, cotejar as conclusões com a de outros leitores discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e confrontam-se gostos.”

Partindo das ideias de Gomes (2016) com a literatura encontramos manifestações artísticas dentro de um grupo, que aborda questões culturais, políticas e sociais. A autora diz que esta “[...] se nutre e tem como ponto concernente as extremidades situacionais do cotidiano, como contraponto entre igualdade e a diferença, a identidade e a alteridade, a diversidade e a desigualdade” (GOMES, 2016, p. 11), por isso a importância desta para os humanos, porque enquanto ser social “necessita expressar suas memórias, histórias, conhecimentos e sentimentos” (GOMES, 2016, p. 11). Segundo Candido (2004) a literatura serve como fonte de ressignificação de sentimentos, trazendo em sua concepção o desenvolvimento humano, preservando as pequenas atitudes de respeito e valor dentro de determinadas culturas, influenciando nos processos de interação, comunicação e aprendizagem, tentando se adequar ao contexto em que está inserida. Para Zilberman “[...] o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências [...]” (1990, p. 19).

A literatura infantil de um modo geral “é considerada fonte inesgotável de conhecimento e informação, dispondo aos seus pequenos leitores momentos de grande alegria e aprendizado, fazendo com que esses estejam cada dia mais interessados em ler.” (PINATI et al., 2017, p. 49). Segundo uma proposta de desenvolvimento infantil, Abramovich (1997) ressalta que no contato com o universo da leitura, a criança se torna capaz de desenvolver emoções como raiva, tristeza, alegria, felicidade e valores como respeito e perdão. Conforme a autora nos mostra a criança também pode “viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada um delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário.” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17 apud BOLDO; SCHLEMPER, 2018, p. 80-81). De acordo com Schlemper (2017) a literatura possibilita a compreensão de mundo, a reflexão de problemas, reconhecimento cultural, o desenvolvimento cognitivo, o treino da memória, o estímulo da concentração, desenvolvendo assim a criatividade e a imaginação.

#### **4 A LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS E A LITERATURA SURDA**

Contar histórias para crianças há algum tempo, foi e continua sendo, grande influência para o desenvolvimento infantil. Segundo Andrade et al (2016) os livros infantis surgiram no final do século XVII, e tinham para alguns autores, um caráter educativo, mas também centrado no prazer, no entanto, para outros “[...] a literatura infantil deve funcionar como uma instituição na qual a criança possa refletir sobre sua condição pessoal. [...]” (ANDRADE et al., 2016, p. 15). Os autores comentam que, é importante que a criança se depare com uma literatura da qual tenha gosto, e que esta possibilite ao leitor desenvolver uma visão crítica, porque assim ela será capaz de ter noções de distinguir entre a fantasia e o real. Ainda na percepção desses autores, a criança tanto ouvinte quanto surda tem as mesmas razões no momento da contação de histórias, a única coisa que os difere é a língua. É fato que, contar histórias para surdos exige que o contador tenha um preparo diferenciado, pois precisa contar cada detalhe da história, além da internalização de personagens. Todavia, os ouvintes se apropriam das histórias por meio da audição e das imagens, somente quando aprendem a língua portuguesa na forma escrita é que se apropriam dos conceitos, assim como os surdos, utilizam das imagens para compreensão do texto e tão somente internaliza a vivência e o conhecimento no momento em que entra em contato com a língua de sinais. Afirma-se aqui, o porquê da Literatura em LIBRAS e/ou Surda, ter um menor número e ser tão recente no mundo, devido aos enfrentamentos e conquistas da comunidade surda até então.

Schlemper (2018) afirma que a maioria das crianças surdas nascem em lares ouvintes (cerca de 95%) – lembrando que, aquele que apresenta deficiência auditiva corresponde àquele que tem perda leve ou moderada da audição. Já o surdo tem uma perda severa ou profunda, e dentro desses lares o mais comum é que as famílias não tenham tanta aproximação com o assunto, “os pais ouvintes, naturalmente, usam de início a linguagem oral nas interações com o filho, e mesmo depois do diagnóstico, mantêm o recurso da oralidade,

até por uma rejeição à “linguagem dos surdos.”” (GOÉS, 1999, p. 48). Goés (1999) ainda nos apresenta um entendimento dessas crianças na escola quando afirma que nesse ambiente as propostas pedagógicas ainda são muito direcionadas ao oralismo como uma forma de “combater” a surdez, mas que, diante as amostras de fracasso foi preciso aumentar os recursos comunicativos dentro das ideias dos docentes, esses materiais de comunicação defendidos eram: leitura oro-facial, alfabeto manual, gestos, entre outros, os quais têm sido desenvolvidos nesses vinte anos que nos separam da publicação de Góes (1999).

Diante disso, é razoável afirmar que o livro literário destinado a crianças surdas precisa levar em conta essa realidade de uma falta de uma base linguística e uma comunicação familiar, além de crianças que chegam ao ensino regular sem domínio da língua, sem uma bagagem cultural que possibilite o progresso mental, psicológico e cognitivo na rede regular de ensino. É por isso que, de acordo com Basso e Capellini (2012) a permanência com sucesso desses sujeitos na escola, depende desses subsídios materiais em relação à leitura, pois ela é o primeiro passo para o desenvolvimento da leitura e da escrita das crianças, sejam elas surdas ou ouvintes. Enfim, esse mundo literário influencia na formação da consciência da criança e conseqüentemente no desenvolver dela, pois nos faz reconhecer o outro dentro de suas especificidades, proporcionando a ela uma vivência, um diálogo e uma interpretação do texto.

No processo de escolarização as crianças surdas/ouvintes estão em fase de desenvolvimento. Todavia, independente de qual seja a criança e sua individualidade e a literatura infantil é fundamental fator no encadeamento do desenvolvimento e aprendizagem da criança. Dessa forma, novamente aprofundando o tema da pesquisa, retrataremos um pouco mais sobre esse aspecto primordial na vida do ser, com foco na LIBRAS. Em virtude dessa língua ainda estar em processo de aceitação no Brasil as primeiras produções literárias designadas para os surdos não tinham tanta importância, existia uma grande carência com relação a elas. Com o avanço das tecnologias “as histórias ganham cor e formas, surge a poesia, os livros visuais e o exercício de criatividade torna-se uma variável cada vez mais presente” (GAVA, 2015, p. 62).

Os primeiros esboços literários destinados à comunidade surda timidamente e são passados de modo visual, sem registros escritos, e os gêneros preferidos eram as anedotas, piadas e histórias que retratam as questões de comunicação e aceitabilidade do surdo junto à sociedade ouvinte. Com advento da tecnologia, de filmadoras, gravadores, e da possibilidade de impressão de textos e imagens, assim

como a escrita de sinais surge a Literatura Surda Contemporânea e um vasto leque de opções se abre para leitores e autores. (GAVA, 2015, p. 61-62)

A literatura em língua de sinais, no Brasil Literatura em LIBRAS, surgiu em internatos, com os mais velhos, a fim de transmitir às crianças surdas um pouco dos valores culturais, “mesmo nos períodos em que as línguas de sinais foram proibidas e reprimidas, os sujeitos surdos, escondidos, continuavam a se encontrar e compartilhar lutas, ideias, experiências e histórias.” (SCHLEMPER, 2017, p. 5).

Nas últimas décadas, no Brasil, ocorreram importantes conquistas das comunidades surdas, em diferentes espaços, principalmente, o reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras (BRASIL, 2002). Além disso, investigações nas áreas da educação e da literatura apontaram para a importância da língua de sinais na educação de surdos, fortalecendo a educação em uma perspectiva bilíngue. Essas investigações envolvem pesquisas sobre as narrativas e histórias contadas por surdos em Libras (KARNOPP, 2010; MOURÃO, 2012). Tais fatos tornaram fecundas as reflexões sobre a literatura surda e a tradução/interpretação de literatura infanto-juvenil para a produção de materiais digitais Português/Libras (RAMOS, 2000; ALBRES, 2012). (ALBRES, 2014, p. 1152).

Esclarecendo um pouco mais sobre a afirmação da autora, literatura em LIBRAS são histórias, lendas, contos, piadas, poemas, teatros, entre outros, traduzidas para a língua de sinais. Ou seja, é uma maneira de trazer para dentro do espaço escolar um sistema bilíngue que sirva tanto para que as crianças ouvintes se apropriem de uma nova língua, mas também para que as crianças surdas tenham a oportunidade de usufruírem dos materiais apresentados. De acordo com Morgado (2011), “vários autores descrevem a literatura em línguas gestuais como aquelas que são contadas em língua gestual, sejam fruto de tradução, ou não, podendo ter um tema relacionado com surdos ou não” (2011, p. 21).

Nesse universo de leitores, poetas e escritores, para criar um texto literário na tentativa de conciliar o mundo surdo com o mundo ouvinte, Silva (2016) diz que é preciso:

[...] atentar para a produção de significados de modo que o novo texto seja gerado a partir de referentes na língua de chegada, isto é, guarde as especificidades da linguagem literária em língua de sinais, como incorporação, o antropomorfismo, o uso de expressões não-manuais (faciais e corporais) e de classificadores. (SILVA, 2016, p. 4)

Na perspectiva da autora, incorporação (usar o corpo para mostrar características físicas); antropomorfismo (atitudes e sentimentos humanos atribuídos tanto ao personagem quanto ao objeto, usando a si ou as mão); expressões não manuais (sentimentos e pensamentos); classificadores (configuração de mão que dão melhor visibilidade a cena, a título de exemplo: plural, tamanho, temperatura, dor, entre outros), são pontos de extrema importância para que o intérprete deve levar em consideração no momento da tradução.

Em relação a Literatura Surda, “percebe-se que os membros das comunidades surdas estão cada vez mais empenhados na produção de Literatura Surda [...] , mantendo como foco de suas produções a disseminação da cultura e o fortalecimento da identidade surda, marcados nestas narrativas pelo uso e empoderamento da Língua de sinais.” (BOLDO, SCHLEMPER, 2018, p. 89-90). É fato que ela assuma tamanha importância para o acesso à cultura humana, pois contribui para que

Os surdos conheçam e se apropriem de formas criativas de se expressar em sua própria língua, inventando expressões, vivenciando o jogo simbólico da linguagem, o ludismo, a fantasia, e também o contato com o mundo, com os conflitos e as contradições dos contextos em que estamos inseridos. (SILVA, 2016, p. 41)

A Literatura Surda tem como objetivo fazer com que os surdos sintam-se pertencentes ao meio social, trazendo para dentro das histórias as especificidades da surdez. Karnopp (2010) afirma que ela está vinculada à identidade e à cultura surda onde a surdez é vista como presença de algo, e não falta. Por essa razão, as narrativas apresentam elementos de imagens, usa da língua de sinais, expressões faciais, interiorização de personagens, mudança de papéis, mas também “relatam histórias de vida, no enfrentamento de lutas e barreiras cotidianas, sendo o tema mais recorrente a dificuldade de comunicação entre surdos e ouvintes.” (SCHLEMPER, 2017, p. 4), fazendo com que as crianças surdas não sejam meros

espectadores da história, mas que compreendam a mensagem que ela quer passar, pois, segundo Andrade et al (2016) o contato da criança com uma literatura que não se aproxima da sua realidade, torna-se ao invés de prazeroso, mais um momento tedioso em que a cultura ouvinte se sobressai à surda.

Acreditamos que quando as autoras Boldo e Schlemper (2018) expõem que a “literatura surda nos leva a perceber a importância de encontrar congêneres que ouvem pelos olhos e falam com as mãos, de forma a instigar o fortalecimento da identidade surda e divulgar aos leitores os valores e a cultura do povo surdo” (BOLDO, SCHLEMPER, 2018, p.84), estão querendo nos dizer sobre a relevância do estudo proposto não só para a comunidade surda, mas sim para todas as pessoas, ou melhor, como esse mundo literário nos traz aspectos tão significativos que não conseguimos perceber. Além de afirmar uma cultura diferente, ele nos faz refletir sobre o que é diferente de mim, e que tudo bem ser diferente, mas que desde crianças, em pequenos gestos que sejam uma leitura, uma piada ou um poema, faça-se possível uma reflexão sobre a importância que tem o outro, porque independente de qual cultura particular venha, somos constituidores da cultura humana.

## 5 ANÁLISE DAS OBRAS DE LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS E/OU LITERATURA SURDA

No que se refere à literatura infantil para crianças surdas, as obras são publicadas mundialmente. Silva (2016) diz que elas podem ser apresentadas em versões impressas e/ou sinalizadas, e são propostas que apresentam elementos da cultura surda. “Morgado (2011) destaca três editoras principais na área de literatura infantil em LIBRAS no Brasil: a LSB Vídeo,<sup>5</sup> a editora Arara Azul<sup>6</sup> e o Instituto de Educação de Surdos (INES).” (MORGADO, 2011 apud SILVA, 2016, p. 30). Evidenciamos que as duas primeiras editoras dizem respeito a empresas que traduzem materiais, já o INES é um órgão federal que contribui para a construção de materiais destinados aos surdos. Encontramos também a Editora ULBRA que está inserida regional, estadual e nacionalmente e contempla em suas publicações diversos campos do saber,<sup>7</sup> a Editora Mercado Aberto,<sup>8</sup> Editora Cassol<sup>9</sup> que se dedica a trabalhos de infante-juvenil e por fim a Editora SBB (Sociedade Bíblica do Brasil).<sup>10</sup> Na plataforma digital *Youtube* é possível encontrar algumas traduções feitas por simpatizantes da comunidade surda.

As criações literárias surdas e as adaptações dos contos já conhecidos procuram marcar e representar as dificuldades encontradas pelos sujeitos surdos, num mundo onde a maioria é ouvinte, onde o uso da língua de sinais torna-se o único meio viável de comunicação entre surdos e entre surdos e ouvintes. Nestas histórias os personagens alcançam seus sonhos, suas liberdades, sua cidadania ao terem acesso ao uso da língua de sinais. (BOLDO, SCHLEMPER, 2018, p. 84)

Essas produções segundo Veriano (s.d) entre a década de 80 e 90 eram muito escassas e imprimiam nas histórias uma perspectiva clínica de cura. “A partir dos anos 2000, houve uma explosão de produções literárias voltadas para esse público [...]” (VERIANO, s.d,

---

<sup>5</sup> Editora comercial, situada no Rio de Janeiro/RJ e que segundo informações no sítio eletrônico está encerrando suas atividades.

<sup>6</sup> Editora comercial situada no Rio de Janeiro/RJ.

<sup>7</sup> Editora vinculada à Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) situada em Canoas/RS.

<sup>8</sup> Editora comercial situada em Porto Alegre/RS.

<sup>9</sup> Editora comercial situada em Porto Alegre/RS.

<sup>10</sup> Organização sem fins lucrativos, de natureza filantrópica, assistencial, educativa e cultural, localizada em Barueri/SP.

p. 255). Na busca que desenvolvemos por livros infantis de Literatura em LIBRAS localizamos as primeiras obras publicadas por editoras no Brasil a partir de 2001 .

Ainda nessa perspectiva, Schlemper (2017) afirma que há três tipos de Literatura Surda: a criação, a adaptação e a tradução.

As produções literárias enquadradas na categoria criação são produzidas pelos próprios sujeitos da comunidade surda, nas quais as experiências, vivências, costumes e particularidades, bem como dificuldades de existência em um mundo predominantemente de ouvintes, são expressos por um membro pertencente à comunidade surda. Os materiais são bilíngues (português/língua de sinais) e estão disponíveis como livro digital e impresso (audiovisual).

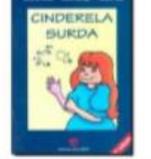
Figura 1- Criações

	KUCHENBECKER, Liêge Gemelli. <b>O Feijãozinho Surdo</b> . Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2009.
	BISOL, Cláudia. <b>Tibi e Joca</b> : uma história de dois mundos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
	COUTO, Cleber. <b>Casal Feliz</b> . Ilustrações: Cleber Couto. Belém Pará: Produção independente, 2010.
	KLEIN, Alessandra. STROBEL, Karin. <b>As Estrelas de Natal</b> . Rio de Janeiro: Arara Azul, 2015. 24p.
	MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. KLEIN, Alessandra Franzen. <b>As Luvas Mágicas do Papai Noel</b> . Coleção Todos Juntos. Ilustrações: Gisele Federizzi Barcellos. Porto Alegre, RS: Cassol, 2012. 24 p. Acompanha CD em Libras.
	MOURÃO, Claudio Henrique Nunes. <b>A Fábula da Arca de Noé</b> . Ilustrações: Cathé de Leon. Porto Alegre, RS: Cassol, 2014. 24p. Acompanha CD em Libras.

Fonte: (SCHLEMPER, 2015, p. 47)

Na categoria adaptação, histórias já existentes são adaptadas para o contexto dos surdos, assim como nas criações, as histórias tentam mostrar as dificuldades, mas também os ganhos que vem junto com a aquisição da língua de sinais.

Figura 2- Adaptações

	<p>OLIVEIRA, Carmem Elisabete de; BOLDO, Jaqueline. <b>A cigarra surda e as formigas</b>. Erechim, RS: Corag, 2007. 38 p.</p>
	<p>SILVEIRA, Carolina Hessel; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano Souto. <b>Rapunzel surda</b>. Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2005.</p>
	<p>ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. <b>Patinho surdo</b>. Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2005.</p>
	<p>HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. <b>Cinderela surda</b>. 3ª ed. Canoas: Editora da ULBRA, 2011. 36p.</p>

Fonte: (SCHLEMPER, 2015, p. 49)

Quanto às traduções, refere-se a qualquer tipo de material traduzido para língua de sinais (textos, poesias, histórias, músicas) disponibilizada em audiovisual.

Figura 3- Traduções

	BARRIE, James Matthew. <b>Peter Pan</b> (Livro Digital Português/Libras). Tradução do texto original por Clélia Regina Ramos. Ilustrado por Sílvia Andreis e Flávio Milani. . Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.
	PERRAULT, Charles. <b>O Gato de Botas</b> . Tradução: Clélia Regina Ramos, Gildete da Silva Amorim e Rodrigo Geraldo Mendes. 1ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.
	GRIMM, Irmãos. <b>João e Maria</b> . CD-ROM e Livreto em Papel. . Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.
	RAMOS, Clélia Regina. <b>Uma Aventura do Saci-Pererê</b> . CD-ROM e Livreto em Papel. . Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.
	RAMOS, Clélia Regina. <b>Fábulas/La Fontaine</b> . Tradução Cultural para Libras: Gildete Amorim. CD-ROM e Livreto em Papel. . Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.
	ANDERSEN, Hans Cristian. <b>O Soldadinho de Chumbo</b> . Tradução: Clélia Regina Ramos, Clarissa Luna e Gildete da Silva Amorim. 1 ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.
	CARROL, Lewis. <b>Alice para Crianças</b> . Texto traduzido e adaptado por Clélia Regina Ramos e ilustrado por Thiago Larrico. Tradutores para a Libras: Janine Oliveira e Toribio Ramos Malagodi. Supervisão da Libras: Luciane Rangel. Livro de 24 páginas ilustrado + CD-ROM bilingüe Português Escrito/Libras e história contada em Libras. . Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.
	LORENZINI, Carlo. <b>As aventuras de Pinóquio em língua de sinais brasileira</b> . Roteiro adaptado por Nelson Pimenta e Luiz Carlos Freitas. 2ª ed. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2008. Inclui DVD.
	STEVENSON, Robert Louis. <b>A Ilha do Tesouro</b> . Material Bilingüe contendo: DVD em Libras com legenda opcional + CD-ROM Português/Libras. Texto adaptado do original por Clélia Regina Ramos. Ilustração de Claudia Nagura. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.
	Série DVD – <b>Aventuras da Bíblia em Libras</b> . Livro + DVD encartado. Barueri, SP: SBB, 2012. 64p.

Fonte: (SCHLEMPER, 2015, p. 51-52)

Estudos revelam que as adaptações são encontradas apenas na versão impressa, e a língua de sinais é escrita como *SignWriting* (SW) que é um sistema de escrita que expressa a configuração de mão e os pontos de articulação na caligrafia, ou seja, assim como os não

surdos escrevem a língua portuguesa, os surdos usam desse recurso para a escrita da próprialingua, o que acaba sendo material insuficiente para o processo de aquisição das crianças. Tal afirmação encontra respaldo uma vez que não atende uma experiência visual (apenas escrita), não fornece subsídios de imagens suficientes para que a criança pense sobre, e como mencionado anteriormente é importante que ela desfrute de todos os meios para que possa fazer sua própria interpretação da mensagem, pois “sabemos que o sujeito surdo percebe e compreende o mundo pelo contato visual, e é através desse modo de ver o mundo que ele constrói seu pensamento.” (DUARTE, ROLDÃO, 2018, p. 6).

Apresentamos no Quadro 2- Literatura Infantil em LIBRAS/Surda, as publicações que estão disponibilizadas pelas editoras mencionadas. Destaca-se que, para obtenção destas obras, alguns impasses se manifestam, a título de exemplo, não foi possível encontrar nenhuma obra em PDF (*Portable Document Format*). Para compras online a Editora ULBRA dispõe de quatro (4) produtos e a Editora Arara Azul doze (12), sendo dois (2) esgotados. Em livrarias virtuais não citadas aqui, encontra-se também pouco acervo para venda.

TÍTULO	AUTOR	EDITORIA	TIPO DE PUBLICAÇÃO	ANO DE PUBLICAÇÃO
TIBI E JOCA	Cláudia Bisol	Mercado Aberto	Criação	2001
RAPUNZEL SURDA	Carolina Hessel Lodenir Karnopp Fabiano Rosa Souto	ULBRA	Adaptação	2005
PATINHO SURDO	Fabiano Rosa Souto	ULBRA	Adaptação	2005

	Lodenir Karnopp			
ALICE PARA CRIANÇAS	Lewis Carrol	Arara Azul	Tradução	2007
AS AVENTURAS DE PINÓQUIO EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA	Carlo Lorenzini	LSB Vídeo	Tradução	2008
A ILHA DO TESOURO	Robert Louis Stevenson	Arara Azul	Tradução	2008
PETER PAN	James Matthew Barrie	Arara Azul	Tradução	2009
O FEIJÃOZINHO SURDO	Liêge Gemelli Kuchenbecker	ULBRA	Criação	2009
CASAL FELIZ	Cleber Couto	Produção independente	Criação	2010
O GATO DE BOTAS	Charles Perrault	Arara Azul	Tradução	2011
CINDERELA SURDA	Carolina Hessel Fabiano Rosa Souto Lodenir Karnopp	ULBRA	Adaptação	2011
JOÃO E MARIA	Irmãos Grimm	Arara Azul	Tradução	2011
UMA AVENTURA	Clélia Regina Ramos	Arara Azul	Tradução	2011

DO SACI-PERERÊ				
FÁBULAS/LA FONTAINE	Clélia Regina Ramos	Arara Azul	Tradução	2011
O SOLDADINHO DE CHUMBO	Hans Cristian Andersen	Arara Azul	Tradução	2011
AS LUVAS MÁGICAS DO PAPAÍ NOEL	Claudio Henrique Nunes Mourão Alessandra Klein	Cassol	Criação	2012
AVENTURAS DA BÍBLIA EM LIBRAS	Produzido pela editora	SBB	Tradução	2012
FÁBULA DA ARCA DE NOÉ	Claudio Henrique Nunes Mourão	Cassol	Criação	2014
AS ESTRELAS DE NATAL	Alessandra Klein Karin Strobel	Arara Azul	Criação	2015
A CIGARRA SURDA E AS FORMIGAS	Carmen Elisabete de Oliveira Jaqueline Boldo	Produção independente	Adaptação	200?

## Quadro 2- Literatura Infantil em LIBRAS/Surda

Fonte: Schlemper (2015)  
Elaborado pela autora

A proposta nesse momento é analisar uma obra de cada uma das categorias já mencionadas (criação, adaptação e tradução). Vale ressaltar que as histórias estão resumidas para a compreensão do leitor, mas para um aprofundamento melhor indicamos a leitura do texto na íntegra. De fato o principal meio para a pessoa surda se apropriar da literatura é por meio da visão, e para tal apropriação, a Literatura Surda/LIBRAS dispõe de elementos que contemple esses leitores, como materiais impressos com grande valor de imagens, vídeos que traduzem histórias, e a escrita em SW. Sintetizando, as criações e as adaptações têm como objetivo comum demarcar os atravessamentos culturais da comunidade surda, algumas mostrando como é ser surdo e conviver com ouvintes, outras sobre a importância da aquisição da língua de sinais. Já a tradução contribui para a compreensão de um acervo literário que utiliza a LIBRAS. As obras aqui apresentadas serão: na categoria criação, o livro “O feijãozinho surdo”; na categoria adaptação, o livro “O patinho surdo”; e na categoria tradução, o livro “As aventuras de Pinóquio em Língua de Sinais Brasileira”. Ao longo do texto serão apresentadas algumas exposições de imagens autorais, para ilustrar a descrição e favorecer a compreensão da análise.

### O feijãozinho surdo

Figura 4- Capa do livro "O feijãozinho surdo"



Fonte: KUCHENBECKER (2009)

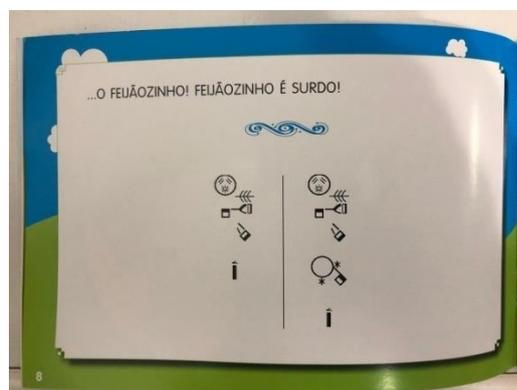
Material da categoria criação, pois a autora como simpatizante da cultura surda criou a história com o intuito de apresentar aspectos do mundo surdo, fazendo com que seus alunos se percebessem na história. Liége Gemelli Kuchenbecker é a autora e a ilustradora, traduzido para a escrita da língua de sinais (SW) por Erika Vanessa de Lima Silva e Ana Paula Gomes

Lara. A 1ª edição do livro foi em 2009 e a reimpressão em 2018, pela Editora ULBRA<sup>11</sup>. O livro conta com trinta e uma (31) páginas e logo na capa a SW pode ser vista expressando a escrita do título do texto e dos nomes das autoras.

A primeira seção do livro comporta os agradecimentos e dedicatórias, seguida por uma apresentação que discorre sobre a origem do livro ser de um propósito pedagógico da autora que durante anos de atuação com crianças surdas tinha suas inquietações em relação ao ensino/aprendizagem destas. Esse material foi gestado dentro da sala de aula em que a autora conectava suas experiências profissionais.

Observa-se na estrutura do livro que a página da esquerda serve para apresentar a história por meio da língua portuguesa, seguida da SW. Na página da direita é apresentada uma imagem (desenho) que representa a frase correspondente. Alguns desenhos dispõem de flechas sinalizando o movimento. As frases são curtas e simples, tanto em relação ao conteúdo, assim como a compreensão da ideia, acredito que para facilitar a compreensão dos pequenos leitores.

Figura 5- Página do livro



Fonte: KUCHENBECKER (2009)

---

<sup>11</sup> Situada no campus Canoas (RS) da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Disponível em: <https://www.editoraulbra.com.br/>

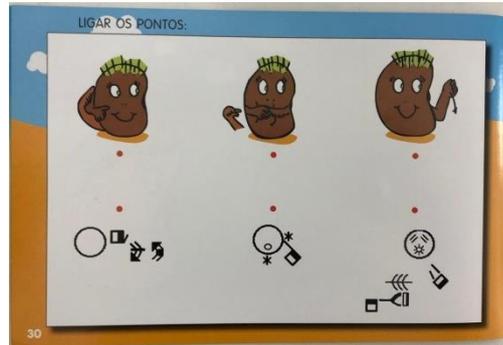
Figura 6- Página do livro



Fonte: KUCHENBECKER (2009)

A história trata de um contexto no qual o “papai e mamãe feijão” tiveram um filho, denominado “feijãozinho surdo”. Os pais de feijãozinho ficam admirados que ele usa muito as mãos e os braços. Feijãozinho fica triste olhando para o chão de onde surgiu uma fada feijão e fez uma mágica da língua de sinais. A partir de então feijãozinho sinaliza. A fada conversa com os pais do feijãozinho e explica que ele precisa de uma escola onde possa ser compreendido, e assim a fada viaja em busca de explicações, até que, encontra duas escolas, uma que conta com feijões ouvintes e professores intérpretes e a outra com feijões surdos e professores que sabem a língua de sinais. Diante disso a fada apresenta as escolas para a família e fim, deixando uma pergunta final: “será mesmo o fim? Ou o começo de uma nova história?”. Nesse momento a família feijão está cheia de interrogações a sua volta. Pode ser concluído então que a história tem como objetivo provocar uma reflexão acerca da condição da surdez pela importância de uma forma própria de comunicação, primeiro destacando a importância dos intérpretes, mas também da aquisição da língua de sinais. Ao mesmo tempo propõe um debate sobre a organização escolar para atender as necessidades específicas dos estudantes surdos, deixando para aqueles que lêem um motivo para pensar. Nas últimas duas páginas do livro são apresentadas duas atividades, uma de ligar os pontos e a outra de montar o quebra-cabeça.

Figura 7- Atividade de ligar os pontos



Fonte: KUCHENBECKER (2009)

Figura 8- Atividade de quebra-cabeça

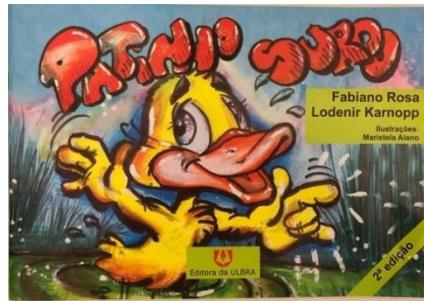


Fonte: KUCHENBECKER (2009)

Minha percepção ao fim da análise refere-se à forma como as crianças compreenderão a história. Noto que, para que uma criança conseguir ler e entender essa história, ela precisa primeiro ter plena aquisição da língua de sinais ou da língua portuguesa, pois, sem embasamento dessas, interpretará a história apenas através das imagens. Uma solução para tal seria um glossário dos símbolos da escrita SW.

### O patinho surdo

Figura 9- Capa do livro "O patinho surdo"



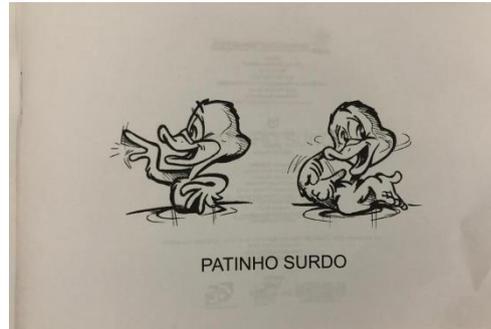
Fonte: ROSA, KARNOPP (2011)

Também da Editora ULBRA, com autoria de Fabiano Rosa e Lodernir Karnopp e ilustração de Maristela Alano é fruto da adaptação que segundo Schlemper (2017) demanda expressar uma valorização dos surdos, bem como a identidade surda. No caso, trata-se de uma adaptação da obra “O patinho feio” de autoria de Hans Christian Andersen.

As adaptações acontecem quando há alterações claras relativas às questões culturais e linguísticas, durante a tradução para Libras de um conto já existente em outra língua e cultura. Nestas, alguns personagens antes ouvintes, passam a ser surdos, ou então, a interagir com personagens surdos. (SCHLEMPER, 2017, p. 8)

Na capa é possível perceber (para quem conhece a LIBRAS) que o pato está fazendo um sinal. O título do texto está na página seguinte com o pato fazendo a configuração de mão através de duas imagens: na primeira o pato está fazendo um bico com a mão/pata, e na segunda o dedo no ouvido, sinalizando a surdez.

Figura 10- Sinalização de patinho surdo



Fonte: ROSA, KARNOPP (2011)

O livro é todo em preto e branco e ao final apresenta um glossário com os sinais apresentados pelo personagem pato. Por se tratar de uma história conhecida, parece ser uma estratégia interessante para apoiar a interpretação, indico começar pela leitura do glossário. Ao longo das trinta e duas (32) páginas encontra-se a imagem e a escrita em língua portuguesa juntas.

A história tem início com um bando de patos que migraram para a Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul. Nesse bando havia um casal surdo, o pato e a pata, eles namoraram e a pata ficou grávida, durante um passeio na lagoa sentiu que era hora de ter seus filhos, mas não estava perto do seu ninho, e teve que por seus ovos em um ninho desconhecido. O que ela não sabia é que era um ninho de cisne. A mamãe pata estava desolada porque havia perdido um ovo. Depois de um tempo os ovos da mamãe cisne começaram a quebrar, assim que todos nasceram falaram “oi”, menos um que, era o patinho surdo. A mamãe tentava se comunicar com ele e ele não conseguia, e então ele sinalizou, assustando a todos, deixando o pai cisne desconfiado. Os dias iam passando e o patinho ia se questionando porque era diferente daquela família, até que um dia ele se aproximou de alguns patos e sinalizou, os patos responderam também com sinais, e aos poucos o patinho ia aprendendo a língua de sinais da Lagoa. No outro dia, ao sair para nadar, reencontrou sua família, a mamãe pata lhe contou

toda a história, mas ela sabia que precisava avisar a mãe cisnes sobre o que havia acontecido, então chamou o sapo intérprete para lhe ajudar. E assim patos e cisnes viveram felizes.

A história parece um pouco complexa para crianças, pois não apresenta muitos elementos para a visualização dos sinais, não contém vídeo, sequer SW, e assim como na criação, as crianças precisariam ser alfabetizadas ou então ter um conhecimento básico sobre a língua de sinais, contudo, a mensagem que se quer passar é presente e visível, como já mencionado, tem a intenção de mostrar as perdas, mas também os ganhos da língua de sinais. Talvez o propósito das páginas em preto e branco seja a interação com as crianças, para que elas possam colorir, mas ainda sim, penso que poderia ser mais didático em relação à tradução para a língua de sinais. É fato que essa categoria não tem a obrigação da tradução, mas como um meio de aproximação à cultura surda, esse seria um ponto positivo. Destaca-se que, essa adaptação não está relacionada somente à LIBRAS, elementos contextuais da história também foram alterados, como elementos geográficos, da realidade dos surdos inseridos no grupo de ouvintes, a tentativa de comunicação entre a criança surda que nasce em lar ouvinte e também a importância do intérprete.

#### As aventuras de Pinóquio em Língua de Sinais Brasileira

Figura 11- Capa livro/CD "As aventuras de Pinóquio em Língua de Sinais Brasileira



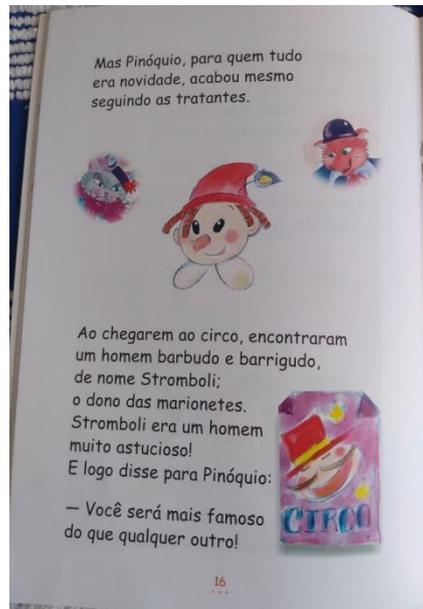
Fonte: LORENZINI (2008)

Produto da categoria tradução, que em síntese consiste em levar a informação para o surdo, por isso pode ser tradução de qualquer coisa, mas em relação à literatura na presente categoria, equivale à materialização da “videogravação, edição e composição do material didático-pedagógico.” (ALBRES, 2014, p. 1153)

A obra da Editora LSB<sup>12</sup> é de autoria de Carlo Lorenzini e o roteiro é adaptado por Nelson Pimenta<sup>13</sup> e Luiz Carlos Freitas. Assim como todas as obras de tradução o livro vem acompanhado de um DVD.

De início a capa não apresenta nenhum elemento da língua de sinais, um pequeno texto sobre a biografia do autor e as diversas traduções da obra vem logo em seguida. Ao longo das trinta e duas (32) páginas o texto apresenta pequenas imagens espalhadas entre a escrita em língua portuguesa, e essa escrita se sobressai diante as figuras.

Figura 12- Parte do livro



Fonte: LORENZINI (2008)

<sup>12</sup> Editora comercial carioca, feita para surdos e amigos de surdos. Disponível em: <https://www.lsbvideo.com.br/lsb-video>

<sup>13</sup> “As traduções de Nelson Pimenta foram as primeiras produzidas em versão audiovisual e comercializadas no país. São obras muito conhecidas e têm se tornado uma referência na área de literatura em língua de sinais voltada para o público infantil, pela riqueza de elementos visuais (com ilustrações ao fundo, uso de classificadores e recursos não manuais, incorporação de personagens etc.)” (SILVA, 2016, p. 30)

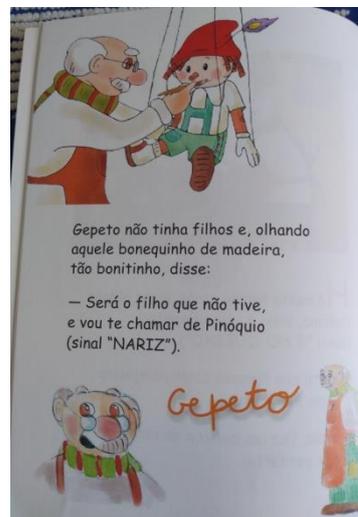
Os únicos momentos em que a língua de sinais está presente são relativos a explicações de como fazer o nome dos personagens com o sinal, como exemplo, Gepeto (sinal “G NO QUEIXO”), Pinóquio (sinal “NARIZ”), Grilo Pepe (sinal “PPP”).

Figura 13- Explicação do sinal



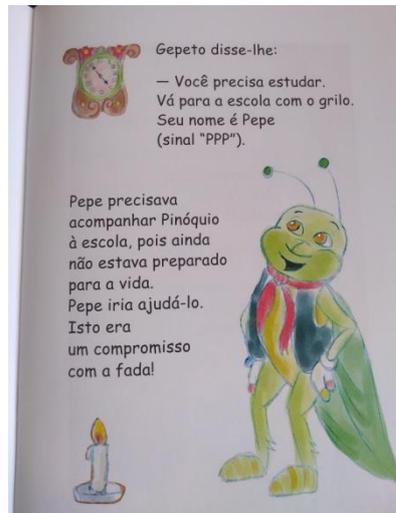
Fonte: LORENZINI (2008)

Figura 14- Explicação do sinal



Fonte: LORENZINI (2008)

Figura 15- Explicação do sinal



Fonte: LORENZINI (2008)

A história conta que em uma aldeia italiana Gepeto fez um boneco de madeira e decidiu que esse boneco seria seu filho e se chamaria Pinóquio. Naquela noite uma fada visitou a oficina de Gepeto e o presenteou dando vida a Pinóquio. O senhor (Gepeto) disse ao menino que ele precisava estudar e o encaminhou junto ao grilo Pepe para a escola, mas no caminho encontraram a raposa e a dona gata que eram duas tratantes e queriam desviar Pinóquio do caminho da escola, convidando ele para o circo de Stromboli que era um homem muito astucioso. O espetáculo de Pinóquio e suas trapalhadas fora um sucesso, e aquele homem rude o prendera em uma gaiola. Uma borboleta mágica salvou Pinóquio e perguntou onde ele morava, e ele respondeu que não tinha casa, seu nariz cresceu e a borboleta percebeu que a mentira fazia seu nariz crescer. Um tempo depois, indo para a escola, novamente se encontrou com a raposa que o convidou para a ilha dos jogos, e mais uma vez Pinóquio foi, ao chegar lá, grandes orelhas de burro cresceram nele e um rabo também. Pepe para ajudá-lo fugiu com ele para um esconderijo. Voltando para casa não encontraram Gepeto e saíram a sua procura, descobriram que o senhor havia comprado um barco e saiu para procurar seu filho, assim os dois construíram uma jangada para procurar Gepeto. Já no mar, se depararam

com uma enorme baleia que os engoliu, dentro da barriga da baleia encontraram Gepeto que também havia sido engolido e foi aí que eles ficaram felizes de se reencontrarem e elaboraram um plano para fugir dali. No final da história, Pinóquio se desculpa por ter feito coisas erradas, e daquele dia em diante ele passou a respeitar e ajudar os outros, como recompensa a fada lhe transformou em um menino de carne e osso, e todos foram felizes para sempre.

Em seguida, partindo da história contada pelo DVD, inicialmente temos uma mensagem de advertência de cópia<sup>14</sup>, logo após, a introdução começa com três opções: “ver filme”; “cenas”; “slideshow”: Por meio da opção ver filme, primeiro há uma apresentação dos personagens (imagem e escrita em língua portuguesa), em seguida os narradores e a participação especial de Ana Regina Campello. Ao fundo do vídeo tem sempre uma imagem correspondente ao momento da história, a frente um intérprete traduzindo a história que está sendo contada por uma voz. A tradução é idêntica à escrita do texto impresso. Quando um personagem fala, o narrador muda o tom de voz. Na opção cenas encontram-se os episódios e um vocabulário feito pela Ana como uma espécie de glossário. Por fim, na opção slideshow, são imagens que foram apresentadas ao fundo do vídeo.

Em todo o momento do vídeo o intérprete faz uso, segundo Albres (2014, p. 1163) do espaço mental sub-rogado, que diz respeito a

[...] um mesmo espaço integrado, em que os sinalizadores podem assumir o papel de qualquer participante da situação narrada e sinalizar como se fossem eles. Essas entidades criadas pelo sinalizador são entidades criadas sub-rogadas, ou seja, são representações mentais em tamanho natural, que assumem posições realistas, por serem incorporadas pelo próprio sinalizador. (MOREIRA, 2007)

Devido a isso, o tradutor quando conta a história precisa levar em consideração o sentido do texto e da imagem, bem como o contexto social que está inserido, para poder transmitir a mensagem fazendo uso correto das interpretações e expressões, pois

Barbosa (2001) menciona que a referenciação em Libras faz uso de sinais manuais e pronomes, de marcas não manuais como posição da cabeça e do tronco e expressões faciais específicas, sendo estas referenciações relevantes na introdução e retomada de referentes do discurso. (ALBRES, 2014, p. 1160)

---

<sup>14</sup> Aviso de que o titular da obra não autoriza qualquer tipo de ato de comercialização. A violação de direitos acarreta em sanções do código penal.

Para uma adequada tradução da história para LIBRAS, é importante que o tradutor/intérprete tenha consciência do uso correto dos vocábulos, bem como de suas configurações manuais ou não, mas também do cenário em que a narrativa está sendo contada, para que a criança surda visualmente perceba a conjuntura do que está sendo passado em cada momento da narração.

Analisando esta obra constatei que, somente o livro impresso não é suficiente para uma criança surda ler a história, assim como a não surda não alfabetizada. Já no vídeo, para o total entendimento da narrativa a criança precisa ter domínio sobre a LIBRAS.

Pudemos compreender que as obras objetivam-se em construir laços entre surdos e ouvintes, tomando as histórias como expressão da cultura de ouvintes e de surdos, usando de ferramentas para envolver ora os acostumados, ora os que ainda não estão familiarizados, à Literatura Surda. Nesse caso, “independente do país de origem, possibilita a transmissão de cultura e identidades surdas, marcadas principalmente por meio do uso da língua de sinais e da experiência visual.” (BOLDO, SCHLEMPER, 2018, p. 82)

Finalizando, deixo aqui uma sucinta proposta do uso desses materiais em escolas. Sabemos que nossa realidade atual ainda é de um grande número de crianças surdas, sem domínio da LIBRAS em escolas regulares. Por isso, o emprego desses materiais no ambiente escolar pode ser de prazeroso e proveitoso, desde que acompanhadas por mediações imprescindíveis dos docentes. Pressupondo o mais comum, as crianças são pouco familiarizadas com as línguas apresentadas nas histórias. Em uma atividade de recriar a obra, o papel do professor como mediador então, poderia decorrer de uma criação de um vídeo compartilhado, cada um seria um personagem, uns seriam diretor, outros cinegrafista, e a história até poderia falar sobre os surdos, mas também poderia ser uma história silenciosa, enfim. Mas, imaginando que salvo as exceções, o grupo é composto por ouvintes e surdos com total domínio das línguas, dessa forma haveria diversas atividades pedagógicas que poderiam se embasar nessas obras: releitura, contação, teatro, reescrita e até mesmo uma

análise das crianças. Por essa razão é que deveríamos todos, valorizar a alfabetização das crianças em sua língua materna.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluo o presente texto enfatizando que o principal ponto em comum da literatura em LIBRAS e a literatura surda é a preocupação de socialização dos surdos em um mundo predominantemente ouvinte, mas que há especificidades que certo momento se aproxima, outras vezes afastam-se. Ou melhor, a literatura em língua de sinais corresponde a traduções e a literatura surda na forma de criações adaptações explora a diversidade cultural. Foi possível perceber que há uma distinção entre ambas. Pode-se dizer que, pensando então que uma literatura em língua de sinais seja qualquer tradução, ela pode ser usada no espaço escolar (ou em outros ambientes) apenas como uma forma de fazer com que os surdos entendam a história que está sendo contada, e como uma versão bilíngue, ora para que os surdos aprendam a LIBRAS e português, ora para que os ouvintes aprendam o português e a LIBRAS. Mas, quando tratamos de uma literatura surda, além dessas pessoas estarem entendendo a história, elas estarão vivenciando a história, estão se vendo nela e percebendo que somos todos iguais, e os ouvintes também podem observar o desenvolvimento de uma identidade e de uma cultura engajadas na literatura com o propósito de reconhecimento das pessoas surdas.

Foi possível constatar ainda que, incorporado nos três tipos de categorias da Literatura (criação, adaptação e tradução), o acúmulo de obras está disponível enquanto versões impressas e digitais, e as maneiras para aproximação da leitura por meio monetário é mais acessível, mas, até então, dentre cada uma delas, há uma proposta de aceitação de uma identidade cultural, ainda que, com muitos ganhos, está em constante enfrentamento para pleno respeito dentro de uma sociedade constituída de ouvintes.

Sobre as análises, ficou perceptível em todas as obras que uma criança sozinha não teria condições de ler e entender a história, assim como, sem uma base e/ou total noção da língua portuguesa e da LIBRAS. Mas, ainda sim, o contexto das histórias partilham da mesma ideia, um reconhecimento cultural.

Penso ser prudente lembrar que, quando me refiro às atitudes que interferem na vida de uma criança surda, estou ciente de que o mesmo se deve pensar sobre as demais crianças, pois, segundo uma perspectiva Vygotskyana, a criança independente de sua particularidade, só se desenvolve se estiver envolvida em interações sociais que ofereçam subsídios para isso.

Sem acesso à literatura a criança fica privada da visão de mundo, de realidade, perdendo assim sua personalidade, capacidade de criação, pensamento crítico. Sem a literatura, não só as crianças surdas/ouvintes, mas todos nós perdemos a capacidade de convivência em pares.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. **Revista RBLA**, Belo Horizonte, v. 14, p. 1151-1172, 2014.
- ANDERSEN, Hans Cristian. O Soldadinho de Chumbo. Tradução: Clélia Regina Ramos, Clarissa Luna e Gildete da Silva Amorim. 1 ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.
- ANDRADE, Cleide da Luz et al. LITERATURA INFANTIL ADAPTADA PARA CULTURA SURDA: INSTRUÇÃO E DELEITE. **Revista de Educação Dom Alberto**, Sem Local, v. 1, n. 9, p.50-63, jul. 2016.
- BARRIE. James Matthew. Peter Pan (Livro Digital Português/Libras). Tradução do texto original por Clélia Regina Ramos. Ilustrado por Sílvia Andreis e Flávio Milani. . Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.
- BASSO, Sabrina Pereira Soares; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. MATERIAL DIDÁTICO PARA ALUNOS SURDOS: A LITERATURA INFANTIL EM LIBRAS. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, v. 6, n. 2, p.491-512, 2012. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>
- BISOL, Cláudia. Tibi e Joca: uma história de dois mundos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
- BOLDO, Jaqueline. **INTERCORRÊNCIAS NA CULTURA E NA IDENTIDADE SURDA COM O USO DA LITERATURA INFANTIL**. 2015. 135 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- BOLDO, Jaqueline; SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. LITERATURA SURDA: UMA QUESTÃO DE CULTURA E IDENTIDADE. **Transversal**, Fortaleza, v. 4, n. 7, p.79-92, 2018.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- BRASIL. Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.Regulamenta as Leis nº 10.048, de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas especifica, e 10.098 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiências ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências.
- BRASIL. Instituto Nacional de Educação dos Surdos. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/> Acesso em: 14/04/2019.

CAMATTI, Liane. **EFEITOS DIAGNÓSTICOS PRECOCE DA SURDEZ NOS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS SURDOS**. 2017. 186 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

CAMPELLO, Ana Regina; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. Em defesa da escola bilíngue para surdos: a história de lutas do movimento surdo brasileiro. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 2, p.71-92, 2014.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CARROL, Lewis. Alice para Crianças. Texto traduzido e adaptado por Clélia Regina Ramos e ilustrado por Thiago Larrico. Tradutores para a Libras: Janine Oliveira e Toríbio Ramos Malagodi. Supervisão da Libras: Luciane Rangel. Livro de 24 páginas ilustrado + CD-ROM bilíngüe Português Escrito/Libras e história contada em Libras. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

CARVALHO, Daniel. LITERATURA SURDA O que é? Por uma teoria da literatura surda. **Revista Diálogos: Linguagem em movimento**, Sem Local, v. 2, n. 2, p.67-83, 2014.

COSTAS, Fabiane Adela Tonetto; FERREIRA, Liliana Soares. SENTIDO, SIGNIFICADO E MEDIAÇÃO EM VYGOTSKY: IMPLICAÇÕES PARA A CONSTITUIÇÃO DO PROCESSO DE LEITURA. **Revista Iberoamericana de Educación**, Sem Local, n. 55, p.205-223, 2011.

COUTO, Cleber. Casal Feliz. Ilustrações: Cleber Couto. Belém Pará: Produção independente. 2010.

FERRARI, Carla Cazelato. **OS AGRUPAMENTOS ESPONTÂNEOS DE JOVENS E ADULTOS SURDOS: um estudo de suas trajetórias e composição**. 2010. 111 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERRARI, Carla Cazelato. **Surdez, cultura e identidade: As trajetórias sociais na construção das identidades de indivíduos surdos**. 2017. 197 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

GAVA, Águida Aparecida. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA SURDA CONSIDERATIONS FOR DEAF LITERATURE. **Acta Semiotica Et Linguística**, Sem Local, v. 20, n. 2, p.61-76, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas S.a, 2008. 200 p.

GÓES, Maria Cecília Rafael de; CRUZ, Maria Nazaré da. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigotski. **Pro-posições**, Sem Local, v. 17, n. 2, p.31-45, 2006.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. Subjetividade, linguagem e inserção social: examinando processos de sujeitos surdos. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, p.43-59, 1999.

GRIMM, Irmãos. João e Maria. CD-ROM e Livreto em Papel. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

HESSEL, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir Becker. Cinderela surda. Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico em Educação. Brasil, 2000.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Sinopse Estatística da Educação Básica 2018. Brasília; Inep, 2019. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/sinopses-estatisticas-da-educacao-basica>. Acesso em: 27/03/2019.

KLEIN, Alessandra. STROBEL, Karin. As Estrelas de Natal. Rio de Janeiro: Arara Azul, 24p. 2015.

KUCHENBECKER, Liêge Gemelli, O Feijãozinho Surdo. Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2009.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa; ALBRES, Neiva de Aquino; DRAGO, Silvana Lucena dos Santos. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo. **Educ.Pesqui**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 65-80, jan/mar. 2013.

LOPES, Maura Corcini; MENEZES, Eliana da Costa Pereira de. Inclusão de alunos surdos na escola regular. **Cadernos de Educação**, Pelotas, p.69-90, jul. 2010.

LORENZINI, Carlo. As aventuras de Pinóquio: em língua de sinais brasileira. Roteiro adaptado por Nelson Pimenta e Luiz Carlos Freitas. 2ª Ed. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2008. Inclui DVD.

MORI, Nerli Nonato Ribeiro; SANDER, Ricardo Ernani. História da educação dos surdos no Brasil: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE, Maringá. **Anais**. 2015.

OLIVEIRA, Carmem Elisabete de; BOLDO, Jaqueline. A cigarra surda e as formigas. Erechim, RS: Corag, 200?. 38 p.

PINATI, Carolina Taciana et al. A importância da literatura na educação infantil. **Ciência Et Praxis**, Sem Local, v. 10, n. 19, p.49-56, 2017.

PEREIRA, Graciele Kerlen. LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). TEXTO ADAPTADO. Disponível em: [https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/libras/curso\\_de\\_libras\\_-\\_graciele.pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/incluir/libras/curso_de_libras_-_graciele.pdf). Acesso em: 17/07/2019. (s.d)

PERRAULT, Charles. O Gato de Botas. Tradução: Clélia Regina Ramos, Gildete da Silva Amorim e Rodrigo Geraldo Mendes. 1ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

RABELLO, Elaine; PASSOS, José Silveira. Vygotsky e o desenvolvimento humano. Disponível em: <https://josesilveira.com/wp-content/uploads/2018/07/Artigo-Vygotsky-e-o-desenvolvimento-humano.pdf>. Acesso em: 09/05/2019

RAMOS, Clélia Regina. Uma Aventura do Saci-Pererê. CD-ROM e Livreto em Papel. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

RAMOS, Clélia Regina. Fábulas/La Fontaine. Tradução Cultural para Libras: Gildete Amorim. CD-ROM e Livreto em Papel. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2011.

ROSA, Fabiano Souto; KARNOPP, Lodenir Becker. Patinho surdo. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2005

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. A importância da literatura infantil em LIBRAS no desenvolvimento infantil. **REVISTA VIRTUAL DE CULTURA SURDA**. Edição nº20, jan 2017.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. **TRADUÇÕES INFANTIS PARA LIBRAS: O CONTO COMO MEDIADOR DE AQUISIÇÃO SINALAR**. 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Série DVD – Aventuras da Bíblia em Libras. Livro + DVD encartado. Barueri. SP: SBB. 2012. 64p

SILVA, Arlene Batista. A TRADUÇÃO DE LITERATURA INFANTIL PARA LÍNGUA DE SINAIS: DIÁLOGOS ENTRE AS ILUSTRAÇÕES E O CORPO SINALIZANTE. IN: V CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISA EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-11.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A Educação dos Surdos no Brasil**. São Paulo: Editora Autores Associados, 1999. 125 p.

STEVENSON, Robert Louis. A Ilha do Tesouro. Material Bilíngue contendo: DVD em Libras com legenda opcional + CD-ROM Português/Libras. Texto adaptado do original por Clélia Regina Ramos. Ilustração de Claudia Nagura. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

VERNIANO, Marina Izar. LITERATURA INFANTIL SURDA: OS PRIMEIROS PASSOS DE UMA NOVA ERA. In: MOSAICO, n. 1. V. 17, São José do Rio Preto. s.d. p. 251 - 272.

TORRES, Elisabeth Fátima; MAZZONI, Alberto Angel; MELLO, Anahi Guedes. Nem toda pessoa cega lê em Braile nem toda pessoa surda se comunica em língua de sinais. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 369-385, maio/ago. 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e Linguagem**. Florianópolis: Edição Eletrônica Ebooksbrasil, 2001. 159 p. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>. Acesso em: 05/05/ 2019.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Literatura e Pedagogia: ponto & contraponto**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. 58 p. (Confrontos).

ZILBERMAN, Regina. O papel da literatura na escola. **Revista Via Atlântica**, nº. 1, 11-22, dez.2008

## ANEXOS

### ANEXO A- Língua Brasileira de Sinais: Disciplina obrigatória do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina



#### CURRÍCULO DO CURSO

Curso: **308 - PEDAGOGIA**  
 Currículo: **20091**

Habilitação: **Licenciatura em Pedagogia**

#### Fase 09

Disciplina	Tipo	H/A	Aulas	Equivalentes	Pré-Requisito	Conjunto
EED7144 Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	Ob	216	12		(EED7140 eh EED7141 eh EED7142 eh EED7143)	
<small>Desmistificação de idéias recebidas relativamente às línguas de sinais. A língua de sinais enquanto língua utilizada pela comunidade surda brasileira. Introdução à língua brasileira de sinais: usar a língua em contextos que exigem comunicação básica, como se apresentar, realizar perguntas, responder perguntas e dar informações sobre alguns aspectos pessoais (nome, endereço, telefone). Conhecer aspectos culturais específicos da comunidade surda brasileira.</small>						
LSB7904 Língua Brasileira de Sinais I (PCC 18horas-aula)	Ob	72	4			
- Disciplina Optativa	Op	72	4			

### ANEXO B- Capítulo II do Decreto nº 5.626, de 22 dezembro de 2005. Determina que as licenciaturas ofertem a disciplina de LIBRAS

#### CAPÍTULO II

##### DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.